

As narrativas do corpo saudável na era da Grande Saúde

José Luiz Aidar Prado *

Resumo:

Este estudo integra os estudos de elaboração da hipermídia "A invenção do Outro e do Mesmo na mídia semanal", em que o eixo principal da pesquisa é riqueza (e sucesso) X miséria (e violência) (lembrando que riqueza e miséria são as duas grandes produções do capitalismo global). Neste artigo estudaremos as construções temáticas e figurativas do corpo saudável na mídia semanal. Qual é o corpo saudável proposto nas reportagens de capa? Como o leitor deve construí-lo, o que deve fazer? Como devem ser ultrapassados os limites do corpo? Para tanto, examinaremos as reportagens que tematizam, de acordo com palavras de ordem e enquadramentos discursivos específicos, não só o papel das academias de ginástica, da cirurgia plástica, dos tratamentos estéticos, mas também dos tratamentos e exercícios alternativos e terapias psicológicas e, de um modo mais amplo, a construção de uma socialização contemporânea posta na direção de um imperativo superegóico que afirma o gozo no mundo do consumo.

Palavras-chave: Corpo saudável. Biopolítica. Discurso. Mídia semanal.

* Professor doutor do programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, editor da revista *Galáxia* e autor de *Brecha da comunicação*, co-autor de *Zizek crítico*, *Lugar global lugar nenhum*, entre outros, e coordenador do Grupo de Estudos em Mídia Impressa (que realiza a pesquisa *A invenção do Outro na mídia semanal*, projeto com apoios do CNPq). Este artigo foi apresentado no encontro de 2006 da SBPJor. Email: zupra@terra.com.br

Abstract:

Narratives of the healthy body in the era of Complete Health - **This study is part of a research entitled “The invention of the Other and of the Same in the weekly media”, in which the main focus is the opposition wealth/success versus poverty/violence (keeping in mind that wealth and poverty are the two major productions of global capitalism). In this article, we will study the thematic and figurative constructions of the healthy body in the weekly media. What is the healthy body proposed in the cover reports? How should the reader build it; what must he do? How should the body’s limits be overcome? To answer these questions, we will examine the reports that, according to discursive inclusions and key *point de capitons (nodal points)*, thematize not only the role of fitness centers, plastic surgery, and esthetic treatments but also alternative treatments, exercises and psychological therapies and, from a broader standpoint, the construction of contemporary socialization directed at a superego-imperative that advocates gratification in the world of consumerism.**

Keywords: Healthy body. Biopolitics. Discourse. Weekly media.

No capitalismo a produção deixou de estar no primeiro plano, para tornar-se subconjunto da comunicação: produzir um carro é parte do processo de oferta de serviços simbólicos ao cliente. Vender um carro não é apenas entregar um objeto composto de múltiplos materiais processados, mas ofertar uma pertinência na topologia social, um conjunto de sentidos para ajudar um corpo (do cliente) a pertencer a um mundo de estilos, a construir identidades (ou um conjunto de identificações ao consumir tal produto e não outro), a localizar-se socialmente, a saber consumir, a saber ser (PRADO E CAZELOTO,2006).

Para Sfez (1996) a pós-modernidade está no seu fim e um novo pacote de discursos ligados às tecnologias do corpo passou a ocupar seu lugar: os relatos do “não há mais...” (metarelatos, poderes centrais, transcendências, universais etc) foram substituídos pelos “há novamente” dos analistas simbólicos ligados à biosfera: o *point de capiton* é o da saúde perfeita. De que se trata? De “saúde para a vida. Mas também viver para estar em boa saúde. Viver para fazer viver as biotecnologias e as tecnologias da ecologia, sem as quais a Grande Saúde não existiria” (SFEZ, 1996:24). O inimigo não é mais externo: está hoje nos corpos (seja o individual ou o do planeta) e a realidade não é mais externa à linguagem, pois o mundo se tornou signo, discurso.

Nesse discurso da Saúde e do corpo saudável está em lugar central o genoma, a biologia molecular, a medicina aplicada aos esportes, a esculturação do corpo, a fabricação das super-substâncias (como os super-remédios): “O real não está mais fora, mas dentro, no emaranhado dos níveis, na relação hierárquica não hierarquizada das redes” (idem,27). Não é mais “do alto, de Deus, do estado, que vem a razão. Não é mais de baixo, do povo, da nação, que viriam as luzes. ‘Isso’ vem hoje da ciência, isto é, de toda parte, sem controle, dos grandes laboratórios instituídos aos pequenos erráticos” (idem,28). Há aqui então

“uma espécie de embreagem de uma ciência mediatizada sobre os indivíduos, sobre os desejos particulares, desejos ferozes que

pretendem excluir toda mediação institucional em nome de sua liberdade. (...) Entre a ciência e o indivíduo, sobretudo nada de intermediário" (idem,28).

Um dos traços dessa utopia da Saúde está, portanto, na forma direta pela qual a tecnociência (com seus analistas simbólicos) constrói os controles (no sentido de Deleuze,1992). O sistema de comunicação não disciplina (no sentido foucaultiano), mas controla, preenche o espaço-tempo de modos bastante específicos, entre os quais estão os mapeamentos sistêmicos da mídia narrativizados a partir da tecnociência e seus dispositivos comunicacionais (inclusive as assessorias de imprensa dos cientistas, médicos e pesquisadores, os *releases* dos laboratórios farmacêuticos, as novidades das academias, etc).

A Saúde não substituiu a Comunicação, ao contrário, tornou-se a forma pela qual o Mesmo configura a maioria, molda seu Corpo, figurativiza seus modos de ocupar espaço, de viver, de existir no próprio corpo sexualizado e na produção de si para o mercado. Deleuze não entende *maioria* como um ser numérico, mas como "um modelo ao qual é preciso estar conforme" (1992:214), ou como "a determinação de um estado ou de um padrão em relação ao qual tanto as quantidades maiores quanto as menores serão ditas minoritárias – homem-branco, adulto-macho, etc." (1997:87) Assim, a *maioria* refere-se a um estado de dominação, de hegemonia discursiva (a Comunicação, a Saúde dos leitores do Mesmo mundo), enquanto uma *minoría* se refere ao devir, ao *acontecimento* (no sentido de Badiou), à ruptura de um estado dominante. "Quando uma minoria cria para si modelos, é porque quer se tornar majoritária" (1992:214). A mídia semanal enuncia para os espaços majoritários do Mesmo. Como diz Deleuze, não há devir-homem, porque o homem, o macho, é entidade "molar", ou sistêmica, voltada à racionalidade que visa fins no mercado, enquanto os devires são "moleculares", de ruptura de lógicas da maioria, criando, no espaço de controle (e, portanto, de não-confinamento) da comunicação generalizada, "vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle" (1992:217). Os modelos de Saúde de que tratamos aqui são, portanto, majoritários.

A Grande Saúde constitui a era da biosocialidade, termo de Rabinow que Sfez prefere encarar como bio-eco-religião. Ela inclui a grande comunicação, mas a desloca:

“a comunicação não morreu. Sua fábula é que se foi. As realidades da comunicação permanecem, sua economia, suas redes estratégicas e financeiras, suas práticas na empresa, na mídia, na publicidade. Mas sua eficácia simbólica diminuiu. Os críticos da comunicação desempenharam seu papel. Toda imagem simbólica se degrada. (...) Percebe-se já quais são os elementos que vão sobreviver na nova figura em formação: o virtual, a simulação, a criação de seres eletrônicos, novos semideuses, desempenham seu papel, muito importante, no dispositivo da Grande Saúde” (idem,367).

Trata-se do grande projeto narrativo transformacional do corpo do indivíduo e do planeta, apoiado nos discursos da ciência (medicina, genética, biotecnologia, biologia molecular, ecologia, informática) e divulgado pelo marketing e pela publicidade.

“Obsedado por sua saúde física e mental, o indivíduo de hoje vive somente relações intermitentes com a medicina, que continua sendo principalmente terapia, portanto ocasional (...) Acabou a relação intermitente com a medicina. A relação será permanente, total. Totalitária. Ao passo que a economia da saúde terá um papel central no equilíbrio (ou no desequilíbrio) dos Estados” (idem,368).

A situação hegemônica desse paradigma majoritário chegou ao ponto de não mais exigir uma crítica mediática da psicanálise ou das terapias alternativas. *Veja* 28/6/2006 (fig.1a) coloca o “real poder do cérebro sobre a saúde”, sendo esse real poder o velho poder da mente, que sempre a revista traz de volta. A novidade desta capa está em que “a psique é tão importante quanto a genética e o estilo de vida no desenvolvimento e no tratamento das diversas doenças”. Não é mais necessário deixar a psicanálise e as terapias ao longe. Hoje já é possível integrá-las ao lado de outras descobertas da ciência para fazer que a mente trabalhe contra as doenças de fundo emocional. Juntos, médicos e psicólogos já podem lutar contra o mesmo inimigo. Outra consequência desse discurso mediático está na aceitação das medicinas alternativas, ioga e outros produtos do budismo

pop, como o nomeia Zizek. *Época* 10/7/2006 (fig.1b) informa que “novos estudos mostram que a prática milenar indiana de posturas (...) não serve apenas para relaxar e manter o corpo em forma”, mas ajuda a “controlar problemas cardíacos, diabetes, depressão e até transtornos da menopausa”. O budismo pop como tema da mídia atua em duas direções: relaxa, mantendo a forma, por um lado, e combate doenças, por outro; ele é o necessário complemento do hiperativismo do capitalismo globalizante. Uma legenda explica melhor essa conjugação: “A mezzosoprano Céline Imbert no Teatro Municipal, em São Paulo. Ela afirma usar a ioga para se recuperar da rotina desgastante dos palcos de ópera”. Estará também a psicanálise sendo absorvida como um dispositivo embreante do capitalismo, como sugere *Veja*?



Figura 1a



Figura 1b

Examinaremos, a seguir, como a mídia semanal constrói as narrativas de Saúde no período 2000-2006. Encontramos grandes grupos de narrativas sobre o tema, mas uma unidade dá consistência a todas: o culto ao corpo. Trata-se de apresentar aos leitores o universo do corpo transformado e transformável, a partir das descobertas e pesquisas das ciências (novas substâncias, novos tratamentos), buscado por aqueles que têm força de vontade, dinheiro e conhecimento. Como melhorar seu corpo? O que o mercado, irrigado pelas conquistas das ciências, coloca à sua disposição? Ainda há tempo de você se preparar para mostrar seu corpo no verão. Os inimigos a combater: celulite, gordura, rugas, doenças. Metodologias: dietas, cirurgias plásticas, super-remédios, uma série de tratamentos

estéticos sempre renovados, terapias, budismo pop. Passionalização: faça tudo isso com alegria e força de vontade. Examinaremos em várias reportagens cada um desses aspectos aqui recortados.

O mercado e a mídia trazem sucessos da ciência para você-leitor

Veja 13/9/2000 (fig.2) apresenta um ensaio fotográfico com os belos corpos nus dos atletas australianos (da revista *Black & White*), com o título "O laboratório do corpo". O título da reportagem de capa é "As lições de Sydney para sua saúde". A chamada da abertura: "Na fórmula 1 são obtidas as inovações que um dia estarão em carros na sua garagem. De competições de alto nível, como os Jogos Olímpicos, a medicina arranca segredos do funcionamento do corpo humano". Em Sydney a elite do esporte mundial, constituída por um "pelotão de seres humanos com desempenho atlético muito acima da média" estaria buscando "glórias e medalhas", e ajudaria "a medicina a desvendar segredos do funcionamento do corpo humano que só se revela em condições excepcionais – sob o esforço físico e psicológico desumano a que os atletas de ponta aceitam submeter-se para chegar às alturas do Olimpo". Muitas das invenções ligadas ao mundo do esporte tornaram-se rotina na medicina (a artroscopia, a esteira ergométrica, os estudos da biomecânica etc): "Foi graças aos estudos dos atletas que os pesquisadores passaram a colocar toda a ênfase dos programas de condicionamento físico no coração". Uma das fontes do artigo é um pesquisador norte-americano. O aerobismo foi descoberto nas pistas. "Oxigenar bem as células passou a ser a preocupação primordial da preparação física e, conseqüentemente, da saúde do coração". Aí entra a voz de um fisiologista da USP: "Antigamente a medicina esportiva estava voltada basicamente para tratar as lesões do atleta. Hoje o paciente comum exige de seu médico particular conhecimentos sobre a prática de exercício físico, sobre a melhor maneira de perder peso ou sobre os hábitos que deve adquirir para prevenir doenças do coração". Parte do aprendizado vem do

limite a que o atleta é submetido à dor, como no caso de nadadores que têm de “despejar toda a energia que possuem ao longo das dezenas de segundos que duram as provas. Portanto, é crucial que aprendam a suportar a dor sem as atitudes de defesa que atrapalham o desempenho”.



Figura 2

O novo superego do prazer: goze!

Dentro dessa rubrica geral de “culto ao corpo” as reportagens da mídia semanal apresentam variações de ênfase, mas sempre abordam o direito à saúde e à felicidade construídos a partir do imperativo de um novo superego (SAFATLE, in PRADO,2005): “seja feliz, faça X,Y,Z para conseguir W”. Algumas enquadram esse tema geral a partir do tema “a busca da juventude”, em que são apresentadas possibilidades de enfrentar o envelhecimento de um modo ativo e saudável, como em *Veja* 11/7/2001, fig.3a (hábitos decisivos para uma vida longa e feliz: apague o cigarro, coma direito, fique em forma, beba menos, fique calmo, sempre no imperativo do novo; na seqüência, outra reportagem afirma que “o bom humor afasta doenças”). O mesmo ocorre em *Istoé* 16/1/2002 (fig.3b), “Viva bem aos 100 – médicos explicam o que fazer, a partir dos 20 anos, para manter a saúde e a qualidade de vida na velhice. Confira as dicas dos especialistas em nutrição (efeitos das substâncias ativas em certos alimentos funcionais), *fitness* (exercícios na dose certa), mente e emoções (valorização de atividade e sentimentos positivos), sexo (benefício

emocional e orgânico) e beleza (importante para a auto-estima)”. A agenda imperativa do novo supereu inclui revelar os “segredos” para a busca dessa juventude: a aposta em um novo conceito, da funcionalidade do corpo; “encarar a vida com otimismo e bom humor também ajuda”. Na mesma revista a entrevista fala de novas terapias contra o câncer: “A medicina está domando o câncer”.



Figura 3a



Figura 3b

Palavras de ordem

Outro conjunto de reportagens examina os imperativos, os pontos de costura significativa, ou palavras de ordem (GOMES,2005; PRADO,2005; DELEUZE,1997) para a produção de si em termos de pele e formas, na maioria das vezes com o objetivo de recriar juventude: diz a capa de *Istoé* 8/5/2002: “A hora de cuidar do corpo – O período entre maio e setembro é o mais indicado para os cuidados com a estética. Conheça as principais técnicas para melhorar a pele e aperfeiçoar as formas. Fique em dia com os lançamentos da indústria. Aprenda a comer bem nos meses frios que se aproximam”. As palavras de ordem incidem na necessidade de conhecer as produções da tecnociência criadas para o corpo, de se atualizar sempre pela mídia, que acompanha a produção ampla da ciência e da indústria (os produtos, as marcas, os tipos de técnicas e tratamentos aconselhados, as melhores dietas, as saídas oferecidas, todas ilustradas com corpos belos,

formas-modelo; aprenda com os ensinamentos trazidos pelo enunciador mediático). A capa e a abertura da reportagem figurativizam todo esse processo, colocando uma grade, semelhante a andaimes na frente de um corpo feminino nu (de costas na capa e de frente, na reportagem). Esse modelo de oferta mediática se repete sem cessar em todas as revistas.

Várias reportagens abordam a busca da fonte da juventude – *Época* 2/2/04 (fig.3c); “Como viver mais e melhor” *Época* 13/3/06 (fig.3d); “A nova fonte da juventude” *Istoé* 8/10/03 (fig.3e); “Receitas da ciência para manter-se jovem” *Veja* 11/6/03 (fig.3f); “A ciência da vida longa e saudável” *Veja* 15/9/04 (fig.3g); “Esqueça a idade” *Istoé* 18/5/05 (fig.3h). Examinemos tais reportagens. *Istoé* 18/5/2005 (“Esqueça a idade” – fig.3h) aborda os tratamentos de cremes “que prometem rejuvenescer a pele em até uma década” (filtro solar, cremes de rejuvenescimento, preenchedores, complexos vitamínicos, etc). *Veja* 15/9/2004 (fig.3g) apresenta “a ciência da vida longa e saudável”: “viver muito mais que os avós já é realidade para a atual geração de jovens e adultos. A promessa da ciência agora é a de uma velhice ativa e prazerosa”. O enunciador apresenta os “sinais do tempo” (células a menos, intoxicação interna, mutações na mitocôndria, lixo demais dentro das células, proteínas grudadas, etc) e diz que “os genes não são tudo. Para modalizar uma boa velhice, a revista apresenta juízo sobre afirmações sobre a velhice, informando, a partir dos saberes da ciência, onde estão as verdades e falsidades (ingerir menos calorias aumenta a longevidade? - verdade; depois dos 40 todo mundo deve tomar suplementos vitamínicos e minerais? - depende; verduras verdes e soja protegem contra o câncer? - verdade, etc).

Veja 11/6/2003 (fig. 3f) apresenta “receitas da ciência para manter-se jovem aos 30,40,50... e 60 anos”, com uma mulher nua na capa. O discurso se concentra no saber da ciência (“A ciência já decifrou os mecanismos básicos do processo de amadurecimento do corpo humano e, pela primeira vez, os médicos têm recomendações eficientes para ajudar as pessoas a atrasar o ritmo do relógio biológico e viver mais, melhor e com

intensidade”). Como se o devir, para voltar a Deleuze, fosse molar e não molecular. A revista indica para cada idade, de 30 a 60 anos, os problemas na pele, nos ossos, olhos, ouvidos, músculos e coração e as recomendações para mulheres e homens. As ilustrações são fotos parciais de corpos de casais nus em cada uma dessas idades.

Época 2/2/2004 (fig. 3c) enfoca a “fonte da juventude” (“conheça as novas técnicas de beleza que fazem a pele perder as rugas e ganhar o brilho de 20 anos atrás”). A foto é dividida ao meio e apresenta a pele de uma mulher de 50 anos antes e depois do *peeling* Kacowicz. As fotos de face dividida ao meio não são novas: *Veja* já colocou tal figura na capa na edição de 15/4/1981.

Época 13/3/2006 (fig. 3d) ensina “como viver mais e melhor” (apresentando as novas pesquisas para prolongar a vida com qualidade, os segredos das cidades brasileiras de maior longevidade e o impacto econômico do envelhecimento da população). A reportagem interna tem por título “Como passar dos cem” – “já há quase 25 mil centenários no Brasil. Qual o segredo deles?” Os quatro segredos das cidades brasileiras onde mais se vive são assim apresentados: 1. continuar a trabalhar; 2. praticar esportes; 3. manter vida social; 4. adotar uma dieta saudável. Em cada um desses itens é descrita a vida social na cidade considerada. Uma segunda reportagem enfoca “as novidades que estão saindo dos laboratórios para prolongar a existência humana”. Esta é uma das poucas reportagens onde se cria uma novidade, em termos da cartografia do país do ponto de vista social, tentando apontar as causas da longevidade nessas cidades.



Figura 3c



Figura 3d



Figura 3e



Figura 3f



Figura 3g



Figura 3h

Repaginação - o mercado traz a novidade, mas a força de vontade é sua (o longo e o curto prazo da Saúde)

Época 10/11/2003 (fig.4) apresenta capa "Beleza sob medida" com uma mulher de seios á mostra, como se fosse estátua sendo esculpida, oferecendo tratamentos rápidos, que dão resultados a tempo para o verão, novidades para combater a celulite, gordura e rugas, dieta e malhação. Para isso é preciso força de vontade e a nova geração de produtos e tratamentos". "É claro que um corpo saudável e sarado não se constrói em 30 dias – é mais um projeto de vida. Mas, com muita dedicação, tempo e dinheiro para investir na nova geração de produtos e tratamentos, é possível fazer uma repaginada relâmpago". O que é possível fazer: emagrecer um pouco, perder 5% de gordura, amenizar rugas, diminuir a celulite, deixar os dentes sem manchas "para contrastar com a pele

bronzeada". Como em outras edições, a revista apresenta produtos e preços, bem como tabela de cuidados à mesa, ranking calórico dos vários exercícios, etc. As fotos são de mulheres bonitas e com pouca ou nenhuma roupa ou de pessoas fazendo exercícios ou tratamentos.



Figura 4

As substâncias hiperpoderosas

Há também as reportagens que enquadram o tema da juventude e da saúde a partir da ingestão de substâncias, como na *Istoé* 8/10/2003, sobre as virtudes da procaína. A capa tem título "Nova fonte da juventude", apontada como "mais recente promessa de energia e rejuvenescimento". A chamada da abertura interna, afirma: "De acordo com quem a utiliza, a procaína melhora o humor, dá um banho de vitalidade e garante bem-estar". A reportagem fala também de "suplementos" vitamínicos. Neste tipo de discurso, a substância é vista como super-poderosa, doadora de uma série de potências para o usuário: "seus poderes combateriam depressão, melhorariam o humor, aumentariam a disposição e a libido, agiriam contra processos inflamatórios, ajudariam a emagrecer e a enfrentar os problemas sem tanto *stress*. Ou seja, uma injeção de substância, garantiria, pelo menos por um tempo, a vida que todo mundo deseja: com beleza, energia e felicidade". E prossegue: "É por isso que a procaína tornou-se mania, principalmente entre os ricos e famosos". Aqui o modelo é o do consumo: o usuário compra uma substância que modaliza seu ser, sem que ele tenha de se empenhar na própria construção de si (os agentes são o mercado e o enunciador midiático), o que aparece figurativizado na abertura da

reportagem: de um lado um girassol murcho é regado pelos comprimidos da super-substância, de outro a planta aparece ereta e vigorosa.

Esse modelo de euforização de certas substâncias doadoras de potência se repete em relação aos super-remédios em inúmeras reportagens. A *Istoé* 7/7/2004 (fig. 5a) coloca na capa um comprimido com capinha de super-herói e apresenta uma série de super-substâncias potentes contra uma série de doenças. *Veja* 16/7/2004 (capa "Um santo remédio", fig.5b) aborda a potência das estatinas. *Época* 2/5/2005 ("Remédios de última geração", fig.5c) traz remédios contra câncer, AIDS, diabetes e para o coração, em uma capa com um enorme comprimido pairando como uma entidade divina e um coletivo com mãos erguidas buscando a salvação no comprimido. *Época* 10/5/2004 ("Os herdeiros do Prozac", fig. 5d) fala das "últimas armas contra a depressão": "novos remédios e terapias agem mais rápido, são mais eficazes e combatem melhor sintomas como dores de cabeça, distúrbios do sono e alterações de peso". *Veja* 26/6/2002 tem por título de capa "Super-remédios" (fig.5e), abordando "a revolução no tratamento desses males": impotência, diabetes, AIDS, depressão, colesterol alto, dores. Há também reportagens sobre tratamentos (*Veja* 23/11/2005, fig.5f, "A medicina que faz milagres" – tratamentos com células-tronco no Brasil e *Istoé* 9/3/2005, "A ciência do sangue" – "novos exames revolucionam a medicina preventiva"). *Istoé* 27/6/2001 trata de "A nova pílula do amor" (fig.5g), sobre os remédios contra a impotência.



Figura 5a



Figura 5b



Figura 5c



Figura 5d



Figura 5e



Figura 5f



Figura 5g

Um outro grupo de reportagens examina aspectos dessa nova ordem mundial da Saúde ligados ao comportamento da mulher. Citemos duas reportagens. *Veja* 8/3/2000 (fig.6a): “A ciência da mulher” – “como as descobertas da medicina e da estética tornaram a maturidade uma fase exuberante na vida das mulheres”. São examinados os casos de seis mulheres com idades entre 35 e 40 anos. Para cada uma a revista constrói uma ficha em que se compara comportamento nos anos 80 e 2000 em relação a itens como sol, atividade física, alimentação, cirurgia plástica, etc. Em um box são apresentadas as mudanças nos tratamentos da saúde e da estética feminina, construindo duas temporalidades (antes e depois) em relação a: rugas, seios, gordura, ginástica, bronzamento, remédios para emagrecer, osteoporose, câncer de mama. *Veja* 30/5/2001 (fig. 6b) trata do “Prazer – a vez da mulher” – “a ciência desvenda os problemas sexuais femininos. E já resolve muitos”. O título da reportagem interna é “Muito

prazer”. O olho diz: “Com terapias e drogas que aumentam o desejo e estimulam o orgasmo, a ciência avança no campo até recentemente inexplorado da satisfação sexual das mulheres”. A primeira frase da matéria é: “A nova revolução sexual está sendo gestada nos laboratórios”. Essa frase merece uma análise cuidadosa e detida: ela resume o que temos notado em geral nas reportagens sobre o corpo: a medicina vem oferecendo formas de melhorar a vida em diversos campos, como sexualidade, aumento da saúde e combate a doenças, auto-estima por meio da melhoria da imagem externa, com possibilidade de rejuvenescimento. Essas novas “revoluções” estão sendo gestadas nos laboratórios. Segunda frase: “O estudo da sexualidade da mulher, até recentemente restrito aos profissionais do divã, começa a avançar impulsionado pela medicina. A cada dia, pesquisadores descobrem novas causas orgânicas para os problemas femininos mais comuns quando o assunto é prazer: falta de desejo, ausência de orgasmo, dificuldade em chegar à excitação e dor durante o sexo convencional”. Em outras palavras, anteriormente as revistas semanais euforizavam as substâncias e sua ação orgânica diante da psicanálise e sua ação psíquica. Como já dissemos, isso parece ter mudado somente recentemente com uma reportagem de *Veja*; porém, tais mudanças nunca são definitivas, pois a mídia semanal não mantém necessariamente uma coerência no longo prazo, nem uma memória de suas posições temáticas.



Figura 6a



Figura 6b

Em outro tipo de reportagem, trata-se de mostrar como a cirurgia (ou a medicina) melhora o corpo e retarda o envelhecimento; aqui se constrói novamente o tema da juventude (“A reconstrução do corpo”, fig.7a, *Época* 9/4/01; “Retoque perfeito”, fig.7b, *Época* 22/3/04; “De cara nova”, fig.7c, *Veja* 17/1/01; “Os exageros da plástica”, fig.7d, *Veja* 6/3/02; “Cirurgia plástica Made in Brazil”, fig.7e, *Istoé* 19/3/03. A capa com título “A criação da beleza – como a cirurgia melhora seu corpo e retarda seu envelhecimento” – de *Veja* 23/7/1986, fig.7f – apresenta título interno “Construção da beleza”. O subtítulo interno afirma: “com o progresso da medicina, a cirurgia plástica torna-se uma arma cada vez mais eficaz na luta pela melhoria estética e na busca da juventude”. Trata-se de “sadia vaidade de pessoas dispostas a retardar os sinais da ação do tempo sobre seus rostos e corpos e pelo desejo manifestado por outras de livrar-se de traços herdados cujos contornos consideram indesejáveis”. O enunciador atesta que a cirurgia plástica “vive um período de ouro”, no que diz respeito ao desenvolvimento de novas técnicas. As operações são “menos devastadoras, provocam menos perda de sangue, são mais eficientes e resultam numa recuperação mais rápida e segura”.



Figura 7a



Figura 7b



Figura 7c



Figura 7d



Figura 7f



Figura 7g

Não abordaremos nesse artigo as reportagens sobre as novas descobertas sobre o cérebro e aquelas que relacionam corpo e cérebro. Isto será feito em texto específico.

Limites e receitas: para uma vida melhor (sonho de consumo da humanidade?)

Um sub-conjunto importante das matérias sobre o culto ao corpo aparece no enquadramento sobre os *limites do corpo*. A reportagem de capa de 11/7/1984, fig.8a, de *Veja*, tinha por título "Os limites do homem - rumo ao atleta do ano 2000", - com título interno "O recorde é o limite", em que a ciência é o grande modalizador, intervindo como cirurgia no joelho de uma atleta que mal podia andar em março e, doze dias após a intervenção, vence a eliminatória das olimpíadas de Los Angeles. Trata-se de uma composição da "textura" de um campeão" e da

"espetacular vitória da Medicina esportiva sobre uma máquina humana - o corpo de Joan Benoit - que apresentava um defeito mecânico. Esse empolgante envolvimento da ciência moderna no mundo do esporte olímpico reúne hoje, além da Medicina, tanto a Biomecânica como a Psicologia, a Genética e a eletrônica, um conjunto que, com avanços tecnológicos sem precedentes, começa efetivamente a empurrar o atleta além de seus limites humanos".

O pódio, medido em número de medalhas de ouro efetivamente conquistadas, assegura contratos milionários, como os que o atleta norte-americano esperava conseguir com quatro medalhas de ouro – ele esperava “fechar contratos tão astronômicos quanto o que o ídolo musical do momento, o cantor e dançarino Michael Jackson, assinou com a Pepsi-Cola este ano – ao que se alega, 5,5 milhões de dólares”.

Entre os avanços alemães a reportagem cita aqueles desenvolvidos por um pesquisador fugido do lado oriental que trouxe um método de medição do ácido láctico no sangue: esse ácido é produzido

“pelas células dos músculos a partir do momento em que o fornecimento de oxigênio para as células do corpo se torna insuficiente. Este momento coincide com o máximo de sobrecarga física que uma pessoa pode suportar durante várias horas. A descoberta tornou-se conhecida nos meios científicos como ‘limiar aeróbico-anaeróbico’- e seus resultados popularizaram-se a tal ponto que hoje é difícil encontrar uma academia que não ofereça ginástica aeróbica, com rock e tudo”.

São dados outros exemplos, da biomecânica, em que um nadador nada em uma banheira cuja água entra velozmente: o sujeito, munido de equipamentos de medição, nada sem sair do lugar. A psicologia, por sua vez, atua no desbloqueio de fatores que poderiam conduzir ao imobilismo físico, como a ansiedade. Diz uma voz do texto: “Nosso objetivo é o de mantê-lo num estado de espírito que assegure o nível ótimo de excitação, sem superá-lo. É este o estado ideal de potencialidade psicofísica de um atleta”. Outra entrevistada assessora um atleta que tem uma espécie de fobia de seu maior adversário, perdendo sempre que o outro está presente.

Em *Veja* 5/3/2003, fig.8b, com título de capa “Os limites do corpo”, o enunciador afirma: “Com ou sem um físico privilegiado pela genética, todo mundo tem de se exercitar”. Neste caso o objetivo é falar do homem comum. Assim começa a reportagem:

“Estar em forma – tradução: magro, corpo durinho, músculos definidos – é o sonho que faz lotar as academias do planeta. Regata molhada de suor, faixa na testa, luvas de proteção, homens e mulheres de todas as idades dedicam

horas de agendas corridas o esforço de eliminar gorduras, afinar a silhueta e, enfim, conquistar o gostinho de se olhar no espelho e se achar parecido com o sarado ou a sarada da televisão. Esse é o sonho. A realidade é muito diferente”.

Mais adiante: “Como a ciência vem demonstrando de forma cada vez mais inapelável, malhar e obter resultados consistentes é questão de genética e cabe a cada um encontrar seu limite e permanecer nele, sem extrapolar, mas também sem fazer corpo mole”. A fonte é um pesquisador norte-americano, especialista “na pesquisa das relações entre genética e capacidade física”. *Veja* aprecia muito as vozes de especialistas norte-americanos. Ainda:

“Resumindo: em todas as modalidades esportivas, obviamente, o treinamento, a alimentação e o estilo de vida influem. Mas nada disso criará um atleta notável se a natureza não tiver contribuído com sua parte. Esse talento inato pode ser identificado através de uma série de testes que medem a capacidade aeróbia, velocidade, potência, agilidade, flexibilidade, tempo de reação, coordenação motora, força e composição corporal”.

Com os testes de aptidão os especialistas dirigem o atleta para a atividade “física em que terá melhores resultados”. Daí nasce o futuro campeão, com muita participação da genética e um pouco do ambiente. Isso vale para formar campeões, mas e as gentes normais? *Aí, diz Veja*, “o papel dos genes é mais relativo”. Aqui a divisão de trabalho é meio a meio e os especialistas não nomeados dividem as pessoas em grupos, que respondem de modo diverso ao treinamento: a) os geneticamente favorecidos, que ganham músculos “sem precisar se esfalfar demais”. Entre eles estão os malhadores compulsivos, criticados por *Veja* quando se guiam somente pelo culto do corpo. b) os desfavorecidos, que desistem logo. Conclusão: “é preciso ter paciência e aceitar a resposta do corpo”. Para cada um dos tipos, *Veja* sugere o melhor tipo de malhação e de dieta.

Veja 28/11/2001, fig.8c, dá receita para entrar em forma rápido: “graças aos avanços nos estudos sobre exercícios físicos, é possível perder peso e ganhar músculos em poucos meses”. *Veja* descreve um programa de dez

semanas, detalhando o tipo de exercício, a frequência e a repetição, bem como uma dieta.

Na *Época* de 10/9/2001 a capa mostra uma apresentadora de televisão, com o título "Mexa-se", com subtítulo "Não é preciso ser atleta para se beneficiar dos exercícios; ginástica é melhor que dieta, oferecendo um teste "para avaliar sua aptidão física". Afirmo o enunciador: "Depois de passar os últimos 30 anos apregoando o culto ao corpo, à malhação desenfreada, os especialistas em medicina do esporte chegaram a uma conclusão. Um mínimo de esforço feito com regularidade não prepara ninguém para ganhar a Corrida de São Silvestre, mas é suficiente para garantir uma vida mais saudável". Para isso, não é preciso nem frequentar academia, basta 30 minutos diários de exercícios caseiros. É preciso não exagerar, pois o excesso pode causar lesões, torções e inflamações de músculos, tendões e articulações". Aqui uma fonte ouvida é a mesma de *Veja* (Turíbio Leite de Barros), que diz que "a dose ideal de atividade física é individual, delimitada pelo prazer e pela dor". O enunciador propõe então: "Uma receita de ginástica em busca de uma vida melhor leva em conta idade, biótipo, saúde, aptidão e motivação". Aqui, mais do que receitas de tipos e números de exercícios como os sugeridos em *Veja* (28/11/2001, fig.8c, pg.128,130 e 131 e *Veja* 5/3/2003, pg.72/3, fig.8b), a reportagem procura mostrar em geral os benefícios de ginástica sem excessos. Entretanto, nas fotos as figuras são de gente sarada, todos belos, apresentando em fichas individuais (altura, peso, horas diárias de atividades e periodicidade na semana) a indicação de que todos praticam bastante (3 a 5 vezes por semana, média de 2 horas diárias). O texto, porém, insiste na moderação: "Um dos grandes perigos para quem veste o short, calça o tênis e parte para conquistar o mundo é a comparação com os atletas profissionais".



Figura 8a



Figura 8b



Figura 8c

Época 10/1/2005, fig.9a, "Em forma sem sofrimento" insiste na fórmula "longe do excesso": "Corpo em forma sem lesões". Como evitar exercícios inadequados. Logo na abertura aparece um quadro: "Os pecados das academias", e depois "cuidados na piscina". A revista consulta treinadores e especialistas em medicina esportiva para saber o que se deve fazer antes de começar a malhar. Novamente aparece Turíbio Leite Barros. Lateralmente nas páginas que seguem às de abertura, são apresentados acessórios, preços e locais de compra.

Istoé 29/1/2003, fig.9b, apresenta uma capa construída com percurso passional da alegria: "Malhação e alegria" aparecem em laranja, com subtítulo "Descontração, muito divertimento e contato com a natureza são as novidades das academias neste verão". As academias apresentam novas formas para atrair alunos no verão, partindo do princípio de todos buscam: "barriga no lugar, bumbum e pernas bem torneadas", que são "uma espécie de sonho de consumo da humanidade". Alongamento e relaxamento na água, atividades inspiradas no circo, turismo ecológico, esportes de aventura, como *rafting*, *trekking*, rapel e arborismo. Istoé fala em tendência mundial de substituir *fitness* (boa forma) por *wellness* (bem-estar): "ou seja, a troca de sacrifício em nome da silhueta fina por atividades que deixam as curvas no lugar, é claro, mas também dão prazer". Era a entrada da ioga no circuito do *fitness* zen ou do budismo pop. Aqui entra em cena a preocupação com a respiração. A revista cita

exercícios que combinam “princípios de dança, natação, ginástica, ioga e tai chi chuan. “Os movimentos são espiralados e ondulatórios. E tudo é feito em sintonia com a respiração”. Em cena também o tema da aquisição de “consciência corporal”. Trata-se não somente de aquisição de forma, mas de relaxamento do corpo e diminuição de *stress*. São citadas academias e escolas nominalmente. Conclusão: “Qualquer que seja a opção de atividade física, o fundamental é gostar de si. Quem não está com o lado emocional em equilíbrio pode ter dificuldade de começar a se exercitar. Harmonizar esse aspecto, portanto, é necessário”.



Figura 9a



Figura 9b

A mídia semanal oferece, portanto, mapas biopolíticos cognitivo-modalizadores (ver fig. 10a) para os leitores esculpirem, estatuarem, modalizarem seus corpos e suas mentes, de modo a sentirem prazer, aumentarem sua qualidade de vida, apoiando-se nas descobertas euforizadas da tecnociência toda-poderosa, que força os limites do homem, dando inclusive a possibilidade de se virar “outra pessoa” (fig.10b). Isto ocorre em função da transformação, como já foi dito, dos processos de socialização nos últimos 50 anos, em que o supereu não atua mais na convergência de socialização e repressão, mas a partir da gratificação pelo gozo. A publicidade, o mercado, a comunicação dizem (ou emitem as palavras de ordem): goze, tenha prazer, encontre seu lugar de felicidade no mundo.



Figura 10a



Figura 10b

A questão se complica quando se constata que o gozo não tem medida; disse Lacan: o gozo é o que não é útil, o que não serve para nada. Ao ser embalado, ele escorre, ele muda de estado, se evapora para voltar em outra forma, insaciável. Como diz Safatle (idem:131):

“o supereu não tem nenhum conteúdo normativo, ele nada diz sobre como gozar ou qual o objeto adequado ao gozo. Ele diz apenas um goza sem predicções, um puro ‘ não ceda em seu desejo’. O caráter insensato deste puro gozo fica evidente se pensarmos que toda escolha empírica de objeto é inadequada a um gozo que procura afirmar-se em sua pureza de determinações, em sua independência em relação a toda e qualquer fixação privilegiada de objetos. Ele só pode se realizar no ‘infinito ruim’ do consumo e da destruição incessante dos objetos, que nada mais faz do que atualizar um excedente de gozo”.

A questão a enfatizar neste artigo é: o oferecimento de mapas de saúde corporal da mídia não é de puras mercadorias-serviços que se pega nas prateleiras, se usa e se joga fora, na medida em que tais ofertas se colocam como contratos comunicativos em que se põe em funcionamento esse dispositivo superegóico da obrigação do prazer. Tais mapas são performativos, ao colocar o enunciatário dentro do circuito pulsional do consumo, vetorizando-o como corpo autotrabalhável, autotransformável, como limite a ser ultrapassado na direção da Saúde perfeita.

Referências bibliográficas

- BARROS, D.L. P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo, Ática, 1990.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. RJ, Jorge Zahar, 2001.
- BERTRAND, D. *Caminhos de semiótica literária*. Bauru, Edusc, 2003.
- CARNEVALLI, M.A. "Indispensável é o leitor: o novo papel das revistas semanais de informação no Brasil". Tese de doutoramento. ECA-USP, 2003.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 2. SP, 34, 1997.
- DELEUZE, G. *Conversações*. SP, 34, 1992.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília, UnB, 2001.
- FAUSTO NETO, A. *Mortes em derrapagens: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1995.
- _____. *Comunicação e mídia impressa*. São Paulo: Hacker, 1999.
- GOMES, M. R. *Jornalismo e ciências da linguagem*. SP, Hacker, 2000.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.
- HERNANDES, N. "A revista *Veja* e o discurso do emprego na globalização". Mestrado, FFLCH-USP, 2001.
- LACLAU, E. *Emancipación y diferencia*. Buenos Aires, Ariel, 1996.
- LANDOWSKI, E. *Presenças do Outro*. São Paulo, Perspectiva, 2002.
- MIRA, M. C. *O leitor e a banca de revistas*. São Paulo, Olho d'água/Fapesp, 2001.
- PRADO, J.L.A e CAZELOTO, E. "Valor e comunicação no capitalismo globalizado". Texto apresentado na Compós, no GT Estudos de Sociabilidade (CD da Compós). Bauru, Unesp, 2006.
- PRADO, J.L.A.e DUNKER, C. *Žižek Crítico*. SP, Hacker, 2005.
- PRADO, J.L.A.e SILVA, H. "Comunicação no mundo globalizado – da marketização à incomunicabilidade". In: *Questões do século 20*. SP, Cortês, 2003.

PRADO, J.L.A. "The construction of the Other in a brazilian weekly magazine". *Brazilian Journalism Research*, Brasília, v.1, n.2, p.41-63,2005.

_____. "O perfil dos vencedores em *Veja*". In: *Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos*, Porto Alegre, v. V, n. 2, p. 77-96, 2003.

_____. "A construção da violência em *Veja*". In: *deSignis*, vol. 1, nº 2, abril 2002. Barcelona, Gedisa, p. 259-272, 2002.

SFEZ, L. *A saúde perfeita*. São Paulo, Loyola, 1996.

ŽIŽEK, S. *Estudios culturales: reflexiones sobre el multiculturalismo*. Buenos Aires, Paidós, 1998.

_____. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996.